

A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA NO ENTENDIMENTO DA INTERSUBJETIVIDADE NOS PROCESSOS SÓCIO-ESPACIAIS

Matusalém de Brito Duarte
Mestre em Geografia - UFMG
matusduartskog@hotmail.com

RESUMO

Este artigo traz uma discussão teórica acerca do conceito de intersubjetividade na sociologia-fenomenológica de Alfred Schutz, de modo a ampliar seu uso nas leituras de processos sócio-espaciais que pretendem considerar a dimensão experiencial do espaço geográfico. Para isso, alguns processos constituintes deste fazer intersubjetivo como o das tipificações, nomeações, codificações e das relevâncias, trabalhados por este teórico, são apresentados e relacionados enquanto elementos teóricos de suporte à leituras do espaço na dimensão micro e sócio-espacial.

Palavras-chave: Sociologia-fenomenológica; Intersubjetividade; Processos sócio-espaciais.

THE CONTRIBUTION OF THE PHENOMENONOLOGICAL SOCIOLOGY IN THE UNDERSTANDING OF THE INTERSUBJECTIVITY IN SPACE SOCIAL PROCESSES

ABSTRACT

This article brings a theoretic discussion regarding the concept of intersubjectivity in the Phenomenological sociology of Alfred Schutz, in manner of amplifying its use in reading of socio special processes which intend to consider the experiential dimension of geographic space. Therefore, some of the representative processes of this intersubjective matter as the tipifications, nominations, codifications and of the significances operated by this theoretic, which are presented and related whereas supportive theoretic elements to reading of space in the micro dimension and socio special.

Key-words: Phenomenonological sociology; Intersubjectivity; Space social processes.

INTRODUÇÃO

O contexto mundial atual com o aumento da velocidade das informações e das mudanças tem imposto à sociedade vertigens que dificultam a assimilação dos acontecimentos, e uma sensação constante de atraso diante de necessidades crescentes. Tais mudanças vêm interferindo diretamente na constituição das identidades que oscilam entre a necessidade constante de pertencimento a de individualização e da busca do anonimato, ou entre a necessidade da direção aos fluxos, ao mesmo tempo em que se almeja a garantia da demarcação multi-territorial.

Tais imposições têm se apresentado às culturas locais enquanto fatalidades assimiláveis ao mesmo tempo em que sua resistência se contrapõe, através de questionamentos que emergem, em forma de demanda teórica ou enquanto resistência de movimentos sociais ou identitários. Essa dialética, entre o individual e o social, tem se acirrado diante desta realidade em questão, fazendo do entendimento de sua relação ou interseção demanda teórica significativa.

Recebido em 13/09/2006
Aprovado para publicação em 19/01/2007

A necessidade de uma reflexão sobre a relação entre o individual e o social se apresenta como àquela que pretende entendê-la enquanto processo de constituição da intersubjetividade. Este deve ser contemplado numa dimensão interdisciplinar, possibilitando uma maior contribuição à compreensão da realidade espacial, principalmente na sua dimensão experiencial.

Diante deste contexto, podemos destacar a contribuição da sociologia fenomenológica de Alfred Schutz, teórico que faz ponte entre Fenomenologia e Sociologia, possibilitando um encontro entre os conceitos de intersubjetividade e de sociedade. Schutz destaca as nuances específicas de cada um, sendo o primeiro intimamente ligado ao processo de constituição do segundo. Este autor, de suma importância, contribui ao complementar a fenomenologia com elementos de construção social da realidade enriquecendo, portanto, as discussões aqui pretendidas.

No interior da Sociologia, diversos estudiosos das questões subjetivas e intersubjetivas centraram esforços para se pensar a sociedade e seus mecanismos de funcionamento, como por exemplo: Max Weber, Emilé Durkheim, Sumner, Thomas Luckman e Alfred Schutz. Dentre estes nomes, aquele que parte da intersubjetividade como ponto inicial para se pensar a sociedade e que o faz, pela sua origem fenomenológica, é Alfred Schutz (LUCKMAN, 1985; WAGNER, 1979, p. 18-19). Em sua obra "*a fenomenologia recusa-se a aceitar de modo acrítico percepções sensoriais, fatos biológicos, sociais e ambientais*" (SCHUTZ, 1979, 54), assim não pode ser confundida com o empirismo, idealismo nem o realismo. Por esta característica, refletir sobre seu pensamento em torno da construção social via intersubjetividade, se torna imprescindível para um pensamento mais inter e transdisciplinar a propósito desta questão.

O ponto de partida de Schutz, que o diferencia dos demais pensadores mencionados, refere-se a direção do olhar que cada um destes possui e defende. Schutz não consegue pensar numa estrutura montada socialmente que será base para a coerção das atitudes dos sujeitos e via de construção da realidade. Ele enfoca as micro-relações no cotidiano, mesmo que por vezes de forma bastante objetiva. Helmut Wagner assinala tal aspecto especial em Schutz e acaba o distinguindo dentro das ciências sociais:

Enquanto para sociólogos como Sumner e Durkheim toda essa superestrutura social funciona como um mecanismo determinista e coercitivo, Schutz realçou o significado subjetivo da participação da pessoa em sua comunidade (WAGNER, 1979, p. 18).

Este enfoque social, a partir de como as ações significativas são imbuídas no cotidiano, caracteriza e singulariza a obra de Schutz dentro da sociologia. Seu pensamento faz uma interação constante com a fenomenologia em Husserl, ora corroborando com seu pensamento, ora criticando e avançando, buscando estar mais próximo das ações cotidianas e se distanciando de uma visão transcendental da fenomenologia eidética de Husserl¹ (WAGNER, 1979, p. 11).

Os caminhos primordiais, para se compreender a realidade, anunciados por Schutz, referem-se à importância em se partir do que ele chama "atitude natural" ou ações pré-científicas. Esta "atitude natural" compreende justamente a ação no cotidiano, que embora comumente classificada como pré-reflexiva, não o é pela impossibilidade do agir sem a intencionalidade e sem a presença do *outro* no estoque dos conhecimentos que se constrói, a partir do momento que faço a "troca inter-relacionada", num movimento de tessitura com-o-outro e não como troca pura (SCHUTZ, 1979, p.73-74).

O entendimento da intersubjetividade em Schutz, bem como em toda fenomenologia, passa então pela intencionalidade, base de todas as ações que serão construídas espacialmente e no mundo da vida. Pela intencionalidade, o processo de interação se torna possível, pois converte-se em ação

¹ Edmund Husserl, em sua fenomenologia das essências, objetivava captar as essências dos fenômenos a partir da colocação do mundo "entre parênteses". Tal tentativa baseava-se na intenção em alcançar o fenômeno *tal qual se apresenta*. Com a inserção do existencialismo na fenomenologia, o cotidiano do fazer fenomenal não passa mais a ser visto como algo que não pertença ao fenômeno, mas ao contrário, passa a ser um próprio constituinte do mesmo.

prática ou reflexiva, fornecendo a energia necessária para se passar do “agora” para um “agora seguinte” pelos caminhos significativos.

Esta ligação entre “agora” e “agora seguinte” decorre de subjetividades distintas que se unem por uma relação aparentemente contraditória. Ao mesmo tempo em que possuímos códigos de interpretação em comum com os *outros*, que garantem o movimento da comunicação, há uma movimentação entre os envolvidos, uns para com os outros, que não se é previsível no início deste fazer. Essa vai se direcionando pelas diferentes percepções que vou preenchendo as ações, primeiramente pelo estoque de conhecimentos que já possuía e segundo pela intencionalidade e relevância que ali vão se constituindo. São dois processos, ambos intersubjetivos que Schutz aponta, um objetivo: a tipificação e outro subjetivo: as relevâncias e as intencionalidades (SCHUTZ, 1979, p. 110-120).

As tipificações, como processo objetivo, ocorrem pelo compartilhar significativo de símbolos e signos entre os grupos, de forma a propiciar a comunicação pura e simples entre os sujeitos. As tipificações fazem parte do nosso processo de antecipação e planejamento do mundo. Com as tipificações, que podem ser nomeações, códigos, papéis, direcionamos nossa ação com o *outro*, mesmo sabendo que no processo intersubjetivo não chegamos a um final esperado (WAGNER, 1979, 28). As tipificações se instauram como pontos de apoio do senso-comum, do cotidiano, e como fundamento para ir além desta concepção de mundo, através do meu agir com o *outro*.

O processo das relevâncias e das intencionalidades incrementa o fazer social e torna a linguagem mais que uma troca de significados. A relevância e a intencionalidade se fundem e diferentes graus de interesse vão selecionando os estoques de conhecimento, definindo mais adiante, através da linguagem e da troca de experiências, como estas relevâncias continuarão a definir as ações posteriores. As personalidades envolvidas e os níveis de relevâncias serão constantemente motivos para conflito e negação do alter-ego.

Esse processo, normalmente conflituoso, se pronuncia pela linguagem, que para Schutz é muito mais do que palavras como conjunto de códigos. Ele valoriza mais os espaços entre elas, os quais denomina de “orlas”, que justamente imprimem o movimento para a inserção de todo o sujeito como único com aquela linguagem, com aquele estoque de conhecimentos e vivências (SCHUTZ, 1979, p. 97). A linguagem em comum garante a comunicação entre eles, mas este movimento único do sujeito, pelo modo como ele se coloca “entre as palavras” é o ponto de contato em que o faz presente e significante ao *outro*, ao mesmo tempo único, através das relações entre seu uso da linguagem e as construções subjetivas únicas nele.

Essa troca e construção com o *outro* da realidade social, como considera Schutz, embora possa parecer algo frio e previsível, só se estabelece no seu movimento e no seu fazer. E embora tenhamos a impressão de que temos mais acesso aos nossos estoques de conhecimentos do que ao *outro*, Schutz completa:

Na medida em que cada um de nós pode vivenciar os pensamentos e atos do outro no presente vívido, enquanto que ambos só podemos captar os nossos próprios no passado, por meio de reflexão, sei mais do outro e ele sabe mais de mim do que cada um de nós sabe sobre a sua própria corrente de consciência (SCHUTZ, 1979, p. 163).

Schutz defende e traz a idéia de alter-ego como uma corrente de pensamento subjetiva auxiliar na compreensão de como o *outro* está presente em mim e conseqüentemente como estou presente nele. A consideração do *outro* é importante para meu fazer neste mundo do mesmo modo que sou importante para a construção dele, e juntos da realidade intersubjetiva. Ele é menos acessível a mim pela própria limitação que existe entre nós. Eu posso, num momento de reflexão reavivar as mais antigas lembranças, tantas quantas me forem possíveis lembrar, enquanto a experiência do *outro* só se dê pelas experiências que passamos juntos. Será justamente a presença do alter-ego que o tornará tão importante para mim quanto minhas próprias lembranças. Essa idéia de alter-ego se apresenta como um chamado à alteridade, figurando enquanto um instrumento metodológico para leituras deste mundo vívido “com o *outro*”. Schutz enfatiza este “com o *outro*” pois, segundo

ele, é “estando” lá no mundo vivido que *ele* me será revelado, e não destacando suas características. Precisamos “viver-com” aquela experiência, para que esta me seja revelada através do acesso a experiência revelada ao *outro* em mim e da possibilidade de pós-reflexão deste momento com *ele* da minha própria experiência.

Ao mesmo tempo em que a experiência do “nós” é salientada como fonte máxima do meu entendimento dele e de sua experiência, Schutz aponta o perigo de se buscar compreender o *outro* e suas ações unicamente por reflexão, sem vivência, “quanto mais reflito, mais o meu parceiro é transformado num mero objeto de pensamento” (SCHUTZ, 1979, p. 185). Esta não deixa de ser uma crítica direta às tentativas em se retirar o conhecimento do fazer intersubjetivo para objetivar a realidade através da separação dos sujeitos de seus objetos. Pode ser entendida também como uma tentativa em se transformar até mesmo as experiências e as ações subjetivas em objetos de estudo.

Considerar a reflexão como uma forma de trabalhar o conhecimento empobrece a construção de conhecimentos via experiência. As experiências são a única forma de construção do cotidiano e da realidade, mas a reflexão e o contato com elas são sim, fonte maior para construção e avanço no entendimento da realidade. Carla Costa Teixeira completa:

Esta é a própria condição de existência do mundo cotidiano onde nos movemos contando com o funcionamento de regras, horários, tipos de conduta, papéis sociais e das mais distintas conexões causais. A reflexão se instaura apenas quando algo falha ou escapa a nossa compreensão e o mundo se apresenta a nós em toda a força de sua exterioridade (TEIXEIRA, 2000, p. 16-17).

Carla Costa Teixeira ao analisar uma metodologia de pesquisa em Schutz aponta a complexidade deste mundo, e até mesmo da quantidade de ações institucionalizadas que aparentemente estáticas, variam o tempo todo no fazer real, e conduzem a um parecer fixo sem se mover em várias direções. O movimento da construção intersubjetiva da realidade em Schutz se compõe pela sobreposição de momentos intercalados pela dissolução de um “agora” num próximo “agora” que virá sem fronteiras e sem delimitações. Essa seqüência de “agoras” enriquece a bagagem de conhecimentos subjetivos e intersubjetivos e são instrumentos essenciais nos processos de amadurecimento social e intelectual. Esta passagem sem fronteiras não elimina a existência de fases. Estas vão se ligando, cada uma com sua importância para a observação do *outro*, nos permitindo a construção de elementos que farão as experiências se tornarem significativas, pois quanto mais intensas e ricas forem as reflexões posteriores das experiências passadas, mais ampliadas qualitativamente serão as “atitudes naturais” do mundo vivido (SCHUTZ, 1979, p. 62).

Schutz chama atenção para a pretensão que muitos têm em querer abarcar todo o mundo pelo conhecimento. Para ele, o processo de construção do conhecimento da realidade se dá por sobreposição de “camadas” significativas que se articulam em comum com o grupo. Não há como ter todo o conhecimento do mundo, pois este não está disponível desta forma, como algo a ser decifrado e interiorizado. A riqueza do mundo se encontra justamente nas infinitas possibilidades de se construir as relações com os *outros*, e por meio de sedimentações de significados, uma gama imensa de subjetividades vão se reunindo e se ligando por elos intersubjetivos que, de modo algum, limita a individualidade a uma padronização de comportamentos.

A garantia da individualidade, mesmo com as tipificações dos códigos, traduções, institucionalizações, consensos se destaca, pois estamos precisamente num processo intersubjetivo cujas fronteiras inexistem. Não há como delimitar um único grupo ou tipo de relacionamento no qual estou exposto. A cada grupo ou sujeito que me relaciono, novas possibilidades de construções intersubjetivas vão se dando. Além das relações de poderes em diferentes escalas, mesmo que o discurso entre sujeitos diferenciados venha a ser o “mesmo”, ainda sim, a articulação das palavras se apresentaria diferentemente no final. A comunicação em Schutz não é uma ligação apenas de palavras, “ao compreender alguém que está falando, interpreto não só as suas palavras individuais, mas também a seqüência articulada total de suas

palavras, sintaticamente ligadas – em suma, “aquilo que ele está dizendo” (SCHUTZ, 1979, p. 109).

Schutz valoriza muito as questões da relevância e da intencionalidade, no meu inter-relacionar com o *outro*, bem como a importância que a intersubjetividade ocupa neste processo. Para ele, a vivência com o *outro* da mesma experiência proporciona diferentes vivências subjetivas favorecendo construções ilimitadas de universos dentro deste mundo vivido em seu cotidiano. As palavras cristalizam os significados, sem cristalizarem a comunicação, a organização das palavras em seu todo. Assim, a cristalização possibilita o meu fazer com o *outro*, e as suas infinitas ligações asseguram o fazer diferenciado. Carla Costa Teixeira ressalta que:

Schutz nos permite pôr em perspectiva a distância entre as concepções de significado subjetivo da ação e de interação social, apresentada nas críticas de Weber e Simmel, reativando-as como inspiração para as investigações etnográficas (TEIXEIRA, 2000, p. 12).

A autora salienta em Schutz a oportunidade de ampliação metodológica a partir de uma conscientização teórica sobre o não acesso à realidade numa via unilateral. A nossa experiência pessoal contribui para o entendimento das experiências, mas é a menor parte do conjunto necessário para que esse entendimento alcance a maior proximidade com a realidade em sua essência.

Quando se tratam de coisas e fenômenos que a realidade vivida ainda não reconhecem a maioria de seus significados, como se passa com estrangeiros ou “estranhos”, a intencionalidade, aparentemente sinônimo de espontaneidade, se diferencia e os conceitos construídos até aqui pelos envolvidos “parecem” perder o sentido. A espontaneidade está, primeiramente, mais ligada às relevâncias e às necessidades surgidas no confronto de subjetividades, visando a intersubjetividade. A intencionalidade aparece num segundo momento, em que o estranho sente a necessidade de integração e reúne através dos poucos pontos significativos entre si, um alargamento de sua subjetividade para que os outros façam parte efetiva dela.

Cada tentativa de construção intersubjetiva demandará “recorrência”, que é o acesso à experiência passada, mais próxima àquela que está sendo vivida, a fim do entendimento e de introspecção de algumas concepções do grupo ali presente. Para Schutz “*cada experiência é única, e até a recorrência da mesma experiência, não é a mesma, porque é recorrência*” (SCHUTZ, 1979, p. 120). Estas experiências que vão se fazendo, já transformam o grupo, ao mesmo tempo em que transformam os “estranhos”. O novo é recíproco, e mesmo que haja uma defasagem quantitativa de significados de um lado da interlocução, sempre haverá a presença do *outro* na experiência que ali se institui. Olhando por outro ângulo, em termos de conjunto de significações, o olhar para o *outro*, para o “estranho”, acaba se resignificando mais, pois ele se torna um múltiplo variado de sujeitos. Cada olhar é um olhar diferenciado que abarca totalidades de características mais diferenciadas entre si. Um outro completo sempre diferente se forma, até que se chegue a um sujeito mais definido, porém nunca homogêneo para todos.

Ao se referir às ações que vão se tecendo na realidade intersubjetiva, Schutz questiona como as subjetividades vão se comportando neste processo ativo e ininterrupto. Para ele, nós sempre estamos olhando para o mundo, para o *outro* e para as experiências com um questionamento sempre dado por um projeto, somos orientados por projetos. Sua crítica dirige-se então a como se tem tratado as ações no cotidiano por questionamentos que ignoram os projetos e os motivos dentro da realidade em seu movimento. A redução dos questionamentos à “porquês”, para Schutz raramente nos proporcionará um contato com a ação ali vivenciada:

Na medida em que o ator vive em sua ação em curso, ele não tem em vista os seus “motivos por que”. Somente quando a ação é realizada, quando, na terminologia que propusemos, ela se torna um ato, é que ele pode voltar-se para a sua ação passada, como um observador de si próprio, e investigar em que circunstâncias foi determinado que fizesse o que fez (SCHUTZ, 1979, p. 125).

A citação de Schutz pode parecer, num primeiro momento, um discurso cujo cerne tenta inocentar as ações individuais, colocando os sujeitos sempre como ingênuos e inconscientes de seus atos, incapazes de pensá-los durante sua execução e, portanto, inocentes em suas conseqüências. O que ele chama atenção com a citação é para a questão subjetiva de “projeto de vida”, construído por motivações para se chegar a um objetivo, e que muitas vezes é ignorado pelo *outro*, preocupado muito mais com os “porquês”. Schutz continua dizendo: “*Nossas ações são conscientes se anteriormente as mapeamos no “tempo futuro perfeito”*” (SCHUTZ, 1979, p. 127), a experiência é sempre consciente. Defende-se acima uma nova forma de abordarmos as experiências alheias, podendo nos aproximar muito mais das reais causas daquelas atitudes em relação às experiências intersubjetivas. Schutz considera o homem como um projeto, e o homem como o próprio conjunto de experiências que ali construo com ele. De forma alguma o autor defende a não intencionalidade, ao contrário, ele simplesmente a direciona justamente para o seu lugar de questionamento, vivemos em perguntas ao mundo, e muitas vezes nos perdemos ao direcioná-las aos *outros* guardando o mesmo formato com a qual concebemos.

Assim como as ações subjetivas são encaminhadas na forma de projetos, a estrutura que nos proporciona tal construção passa pelo planejamento via construções tipificadoras e idealizadas, apoiadas tanto nas experiências vividas, como nas alterações inevitáveis que evitam que meus projetos se concluam como foram planejadas. Mesmo assim, a “energia” dispensada na construção dos projetos é o impulso mínimo para se projetar com uma certa “segurança” nas inúmeras redes de relacionamentos sociais que possivelmente se apresentarão ao me lançar à comunicação com o outro (WAGNER, 1979, p. 28-32).

Toda a concepção de mundo vivido e intersubjetividade de Schutz se apresentam como um “apagar de luzes” sobre a concepção de ciência, que afasta o sujeito do objeto, prometendo um olhar único e racional sobre aquilo ali presente. Ele, porém, assume toda esta atitude ao desvincular suas concepções da ciência clássica e logo altera sua definição para este mundo supostamente construído. Helmut Wagner conclui: “*Schutz chama a ação cotidiana de razoável ao invés de racional, como Weber, permitindo uma margem para falhas inevitáveis do conhecimento prático*” (WAGNER, 1979, 28). Com esta afirmação, Schutz parece almejar uma permissão em se trabalhar com o mundo vivido tal como ele se apresenta e não tal como uma forma única de abordagem. Ele considera a intersubjetividade como algo presente nas ações, no fazer social e não como pressuposto, conforme tem concebido as ciências sociais. Esta perspectiva tem sido criticada pelas correntes clássicas:

Assumir o mundo como pressuposto, inquestionável, implica a hipótese profundamente enraizada no senso comum de que até segunda ordem o mundo vai continuar sendo, essencialmente, da mesma maneira como foi até aqui (SCHUTZ, 1979, p. 80).

Assim, as correntes que concebem o mundo antes dos sujeitos sofrem críticas e são responsabilizadas pelos próprios defensores da ciência clássica de cometerem aquilo que eles combatem.

Maria da Assunção Calderano (2002) detecta algumas falhas na questão da teoria da comunicação neste autor. Para ela, Schutz ainda está muito preso ao método intuitivo de Husserl, considerando o mundo social estritamente como o mundo individual. Ela critica a questão da ação, vista por ele mais como significado do que enquanto práxis. Para finalizar, ela afirma que não existe o reconhecimento do poder na vida social (CALDERANO, 2002).

De modo geral, as críticas de Maria da Assunção Calderano se dirigem a pontos nos quais Schutz define como diferenciadores de sua teoria em relação às demais teorias das ciências sociais. A sociologia de Schutz, por ser fenomenológica, certamente se remete a um diferencial face às demais correntes das ciências sociais, que partem do social para a construção das subjetividades. A singularidade da obra de Schutz determina a intersubjetividade como suprema para acessarmos sua proposta de concepção de mundo vivido, sendo a sociedade o alvo a se alcançar, a ser construído por estas subjetividades dadas em relação.

Sua crítica a questão do reconhecimento do poder na vida social, também pode ser justificada por esta concepção de mundo como produzido pela sociedade estrutural comumente divulgada nos meios acadêmicos e na sociedade científica. Schutz, percorrendo o caminho inverso, trabalha com aspectos, detalhes que certamente não propõe análises macros, mas possibilitam a construção de uma concepção social muito mais próxima da realidade do mundo vivido. Assim, para uma melhor compreensão da intersubjetividade em Schutz é preciso se voltar ao cotidiano, nas pequenas relações do dia-a-dia e nas construções em comum, nas tipificações para, a partir daí, ir em busca de entendimento de como as relações sociais vão se tecendo nesta complexidade na qual estamos imersos. A intersubjetividade em Schutz passa pelo o que é comum entre os indivíduos, pela tomada pressuposta do *outro* como um outro eu, no que tange aos desejos, ações e intencionalidades. É uma busca incessante ao entendimento e intercâmbio das experiências em comum e em contato. Nestas experiências o senso comum e seus conhecimentos vão objetivando representações plásticas que garantem o fazer social. São objetivações subjetivas à medida que, apesar de representativas, são móveis e superáveis pelas experiências sobrepostas.

Alfred Schutz abarca o mundo-vivido como um mundo de intencionalidade e de relevâncias, cuja base das ações alicerça-se no estoque de conhecimentos em comum dos sujeitos implicados. Sua preocupação se dirige a entender as relações *ali* no mundo-vivido. Maria Cecília Minayo ressalta:

Schutz tem como preocupação teórica o mundo do dia-a-dia. Isto é, ele busca compreender os pressupostos das estruturas significativas da cotidianidade. Para ele, a compreensão do mundo se dá a partir de um estoque de experiências pessoais e de outros, isto é, de companheiros predecessores, contemporâneos, consorciados e sucessores (MINAYO, 1995, p. 96).

Com esta passagem, Maria Cecília Minayo mostra a preocupação de Schutz com a busca da compreensão do mundo na cotidianidade, no seu *lebenswelt*. Schutz vê no senso comum um estoque de conhecimentos fundamental para o entendimento das questões sociais.

Na sociologia fenomenológica, o conhecimento que alcançamos do mundo se origina praticamente da experiência social. O poder da linguagem, possibilitado pelas tipificações e o da comunicação pelas relevâncias, funcionam como pontes entre os sujeitos inter-relacionados que se abrem ao fazer social. Para essa corrente de pensamento, o mundo factual é que define todas as experiências a partir de uma intersubjetividade intencional, sendo o homem motivado por projetos de interesse. As ações no campo social, para Schutz, são motivadas pelo “a fim de” e nunca “por que”, rejeitando assim como Merleau-Ponty o conceito de existência de experiências alheias à consciência (SCHUTZ, 1979, p. 125).

Ao mesmo tempo, em que Schutz declara a facticidade como única possibilidade, ele não toma o mundo-vivido como um presente imediato:

Sempre me encontro dentro de um mundo historicamente dado que, tanto como mundo da natureza quanto como mundo sócio-cultural, existiu antes do meu nascimento e vai continuar a existir depois da minha morte. Isso significa que esse mundo não é só meu, mas é também o ambiente de meus semelhantes; além disso, esses semelhantes são elementos da minha própria situação, como sou da deles (SCHUTZ, 1979, p. 159-160).

Schutz vem reforçar o papel da constituição histórica na construção da comunicação intersubjetiva que leva ao fazer social, abordando os “temas” contextualizando-os. A questão das *relevâncias* em Schutz insere o subjetivo da personalidade ao intersubjetivo que se caracteriza pela abertura às intencionalidades das ações no uso das tipificações em comum, de modo a ampliar o conhecimento em comum pelas vivências cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões acerca da fenomenologia sociológica de Alfred Schutz nos permite fazer uma releitura espacial a partir da tomada do senso comum enquanto panorama que possibilita um maior alcance

da realidade, que além de criticar o modelo de ciência clássica, considera o processo da construção intersubjetiva do espaço como primordial para se entender a dinâmica complexa do espaço geográfico, nas mais diversas escalas e categorias.

A consideração de homem e de sociedade como um grande conjunto intersubjetivo o tempo todo, deixam os fenômenos que aí se circunscrevem como os grandes desafios para o avançar teórico sobre os temas a se debruçar e pensar. Para isso é preciso estar sempre atento às necessidades que se apresentam e que demandam diálogo e leituras das diversas epistemologias, como a sociologia fenomenológica, e seu diálogo com outras áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDERANO, Maria da Assunção. Notas sobre a fenomenologia social de Schutz – Considerações acerca de alguns pressupostos filosóficos. Disponível em: <<http://www.ufpe.br>>, Acesso em 06/2002.

LUCKMANN, Thomas. BERGER, Peter. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, p. 89-111, 1995.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e Relações Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979

TEIXEIRA, Carla Costa. Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia. In: TEIXEIRA, Carla Costa (Org.). *Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 9-33, 2000.

WAGNER, Helmut. A abordagem fenomenológica da sociologia. In: SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 3-50, 1979.